

A violência em memes virtuais: o ódio e o riso

Eric Henrique Anselmo Moreira da SILVA
Márcio Rogério de Oliveira CANO

Considerações Iniciais

Ao abordar as circunstâncias sobre como os memes existem numa concepção de gênero discursivo, pode-se começar a pensar como ele se organiza. O meme existe similar a outros gêneros discursivos do cômico, como a piada, a paródia etc. a partir do que é considerado risível. Porém, o que é risível pode estar ligado às próprias noções de desprestígio social, aos preconceitos e ao próprio discurso de ódio. O estudo neste artigo procura estabelecer quais são as relações entre o discurso de ódio e o do cômico por meio do interdiscurso, para evidenciar como as características desses dois discursos se entrelaçam nos memes.

Os memes condensam relações sócio-históricas (de relações de poder) na dinâmica dentro da internet por meio da interação dos usuários que observam apenas uma das facetas do que aparenta repercutir e desencadear uma risada descontraída. E para compreender como esses memes são constituídos tomamos quatro pontos principais: o interdiscurso, o discurso de ódio, a teoria da comicidade, a historicidade do meme, para que fosse possível realizar uma análise tanto da forma quanto do conteúdo com a finalidade de salientar o porquê rimos e quem estamos punindo com esse riso.

Portanto, os objetivos desse artigo envolvem a dificuldade de se perceber como o discurso de ódio e o do humor se constituem, para entender como eles também dialogam um com o outro. E também sobre como a dinâmica do meme na internet se dissolve nos discursos para causar estados da violência sobre o outro.

Interdiscurso

A caracterização do termo interdiscurso circunda a ideia de que o interdiscurso precede o discurso por meio de hipóteses e isso aconteceria a partir da ideia que mais de um discurso pode se encontrar no mesmo texto:

PRIMEIRA HIPÓTESE: o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos (MAINGUENEAU, 2008, p. 20).

Assim, as gêneses dos discursos não existiriam de forma separada, mas sim sempre em relação com outros discursos; seria somente por essa interdiscursividade que um discurso é estruturado pela identidade e forma que já conhecemos. Portanto, dada essa noção, é viável pensar que o funcionamento de um discurso atravessa as estruturas dos textos pois podem estar presentes em qualquer recurso semiótico, como vídeos, músicas e os memes. Mas também sempre em uma dinâmica de formações discursivas, isto é, que são feitas em relação ao Outro, e que se manifestam a partir de recursos linguísticos, como nominalizações e topicalizações, por recursos semânticos, como negações e reafirmações.

Nesse sentido, a análise pelo interdiscurso mergulha na história e na língua para revelar a especificidade e correspondências das formações discursivas, entretanto, a maneira com que os discursos são reiterados não são de forma mostrada, mas sim constitutiva (MAINGUENEAU, 2008). Esse parecer está profundamente ligado aos conceitos de dialogismo, que são os discursos que dialogam uns com os outros, e à própria polifonia, isto é, um discurso que contém vários dizeres de vários lugares com delimitações mútuas.

Todo discurso em relação com o Outro está desassociado em relação a si próprio, pois só é possível distinguir um discurso pela identidade que causa diferença ao outro, esse fator ocorre devido ao caráter dialógico de todo discurso. Portanto não é possível se desvincular de outro discurso pois ele não é unidade, é uma relação de alianças, desavenças e isenções.

Discurso de Ódio

Como as palavras e os nomes podem ser significados? Por que falas e atos injuriosos podem ferir? O ser humano existe pela e na

linguagem, pois é só por meio dela que ele compreende a realidade (BENVENISTE, 1991); por isso, como seres linguísticos constituídos na linguagem, termos, palavras e chamamentos, nos dão existência. Nesse sentido, os chamamentos injuriosos interpelam nossa condição de sujeito, e no discurso de ódio pode parecer óbvio, mas o que ele condensa não está apenas no discurso em si, mas sim nas relações entre os sujeitos, sendo essas relações de submissão e dominância, sobretudo, históricas.

A complexidade do discurso de ódio não reside apenas na injúria linguística, ou seja, no uso específico de palavras e xingamentos; mas também ao modo com que é endereçado e de onde vem esse endereçamento, que também interpela e constitui o sujeito (BUTLER, 2021). As palavras e as formas que vão sendo usadas para desprezar e humilhar grupos segregados vão condensando a historicidade de como as práticas de dominância existem no passado e devem existir no futuro, para manter e tentar garantir a existência desses sujeitos, que são diminuídos, apenas de uma forma – subordinada:

Evidentemente, os nomes injuriosos têm uma história, que é invocada e reforçada no momento do enunciado, mas que não é contada de maneira explícita. Não se trata simplesmente de uma história dos seus usos, dos seus contextos e objetivos; é o modo como tais histórias são introduzidas e interrompidas no e pelo nome. O nome tem, portanto, uma historicidade, que pode ser entendida como a história que se tornou interna ao nome, que veio constituir o significado contemporâneo do nome: sedimentação de seus usos conforme eles se tornam parte

do próprio nome, uma sedimentação, uma repetição que se fixa, que dá o nome a sua força (BUTLER, 2021, p. 67).

Nesse sentido, os nomes e chamamentos não têm um único contexto ou limites definidos no espaço e tempo, e por isso geram uma perda de contexto sobre quem é chamado; quem repete um discurso de ódio não está criando um, mas sim reforçando o mesmo, restabelecendo contextos de ódio e injúrias (BUTLER, 2021) e gerando estados de violência:

Os estados de violência são relativos à agressão moral, à hegemonia de classes, ao constrangimento, às mortes provenientes de falta de cuidados médicos, de saneamento básico, de fome e da pobreza (CANO, 2012, p. 26).

Portanto, os nomes carregam estados da violência na sua historicidade e continuam a ser reiterados, como um trauma que continua a viver na linguagem e a ser transmitido por ela. É por isso que a força da dor que a injúria causa está profundamente ligada não apenas às várias repetições, mas também à dor causada por atos violentos que não são lembrados, mas revividos diariamente por estados da violência que podem estar sempre próximos de gerarem novamente atos violentos. O trauma e a perda de contexto causados por esses estados da violência não tomam forma por uma estrutura que se repete mecanicamente, mas sim, por uma sujeição contínua, da reencenação da injúria por meio de signos que simultaneamente obstruem a cena e a recolocam em ação (BUTLER, 2021).

Comicidade

O que é o riso? Qual a finalidade social do riso? Qual a essência da Comicidade? Para compreender as formas e os movimentos da expansão do cômico, primeiro, é necessário perceber que não há comicidade fora da mente humana, ela não consegue escapar das relações entre os sujeitos que vivem em sociedade, não importa do que rimos, tudo terá uma influência humana:

Podemos rir de um animal, mas apenas porque surpreendemos nele uma atitude ou expressão humanas. Podemos rir de um chapéu; mas o que ridicularizamos neste caso não é o pedaço feito de feltro ou de palha e, sim, a forma que os homens lhe deram, o capricho humano que o moldou (BERGSON, 2020, p. 38).

Dessa forma, pelo riso estar ligado ao íntimo humano, outro fator que o constrói, é a incapacidade de se tornar empático com os outros sujeitos, nesse sentido, o riso de risível é completamente diferente de outros risos especificados e classificados em Propp (1992), como o riso bom, gerado pela simpatia entre sujeitos e o riso alegre, o da felicidade plena, visto principalmente em crianças. O ridículo, aquele ou aquilo que rimos, só é possível pela, segundo Bergson (2020), insensibilidade que o acompanha, e isso permite identificar que o riso funciona junto da cumplicidade de um grupo social que ri de outro grupo, pois se nos afetamos por qualquer outra emoção genuína, como raiva, felicidade, tristeza, não conseguiríamos rir: “(...) onde um ri o outro não ri” (PROPP, 1992).

A partir dessa afirmação podemos pensar na complexidade não apenas da razão do riso, mas também de como esses objetos do humor (imagens, vídeos, áudios, situações, memes etc.) podem

nos fazer rir não apenas da forma que aparecem, seja explícita ou implícita, mas também com quem estamos e onde circulam. Bergson traz a seguinte problemática:

Primeiro, em questão de defeitos, é difícil traçar o limite entre o leve e o grave: talvez não seja por ser leve que o defeito nos faça rir, mas porque nos faz rir quando o achamos leve; nada desarma como o riso.

Assim se explica que a comicidade seja muitas vezes relativa aos costumes, às ideias – sejamos francos, aos preconceitos de uma sociedade (BERGSON, 2020, p. 97).

O estudo do riso nos permite refletir sobre o porquê rimos e de quem rimos, já é possível assimilar que o riso visto tanto em Propp como em Bergson vem das contradições existentes entre o sujeito que ri e outro que está à sua frente, a contradição passa a existir das divergências do que seria moral, justo, saudável e conveniente, e é por essa razão que quando o mundo nos apresenta inconsistências que apontam o que há de errado nos outros, o riso pode aparecer como uma observação, punição, desprezo, preconceito etc. Esses apontamentos acontecem por meio do humor porque o cômico sempre se apresentou como um discurso indireto, pois até mesmo quando se está explícito, há a presunção de tom irônico ou sarcástico (POSSENTI, 2003a).

Sempre iremos rir do cômico que achamos pequeno, mas nunca do que nos causa seriedade. A seriedade nos faz pensar no outro, portanto, rir é uma tentativa constante de não ver em si mesmo as inconsistências dos outros e as nossas inconsistências com a sociedade. Há uma constante tentativa inconsciente de combater de forma indireta os defeitos, grupos sociais, e ideologias (que consideramos) mesquinhos com o riso.

Meme virtual

Para quem usa a internet com a finalidade de se aventurar pelos ciberespaços o termo meme é sempre presente, mas afinal o que é um meme? O nome cunhado pelo Biólogo e Etólogo Richard Dawkins em 1976 no seu livro *O Gene Egoísta (The Selfish Gene)* parte de pressupostos biológicos darwinistas para estabelecer um paralelo por meio de um neologismo da palavra gene. Assim como o gene, que é uma molécula responsável pela transmissão de características biológicas, o meme estaria ligado à capacidade de comunicação e interação humana para transmissão da cultura por meio crenças, signos e símbolos em cada nação. Por meio de gerações e agindo pela imitação, cada meme se estabelece por meio de sua longevidade (por quanto tempo é usado), fecundidade (viralização) e fidelidade (se a repetição muda ou não a identidade do meme).

O meme virtual pode existir nas mais variadas formas de disseminação na internet, como por meios de textos, imagens, vídeos, GIFs (*Graphic Interchange Images*, sequência de imagens em *looping*) e podem ser encontrados facilmente nas redes sociais, sites, blogs e propagandas. Dentro dos espaços virtuais o engajamento e o alcance dos memes se solidificam pelas quantidades de reações ou curtidas, e principalmente pelos compartilhamentos. Os usuários chamam de meme o que se propaga na internet e possui um tom humorístico que varia de acordo com as condições de produção, isto é, pode ser uma imagem, notícia polêmica, hashtag (texto com hiperlink), tweet (publicação no Twitter), um áudio etc. que está relacionado ao que acontece fora e dentro da internet:

O meme é um texto imitável que os internautas se apropriam, ajustam e compartilham na esfera digital. O “tex-

to” inicial pode ser um hashtag, uma imagem expressiva, um tweet cativante, um comentário interessante, um vídeo do YouTube – qualquer unidade de expressão digital, desde que transmita certo significado ou emoção e encoraje outros a adicionarem outro conteúdo ou forma, desenvolvendo mais um protótipo de meme (DENISOVA, 2019, p. 10, tradução nossa).⁹⁰

Devido essa dinâmica de interação de usuários sobre um mesmo objeto, o meme possui uma relação interdiscursiva complexa, ele sempre tem contexto que pode ser jornalístico, econômico, artístico etc. Entretanto, quando o meme está conectado ao discurso político ou social fica mais evidente que não são apenas imagens, textos e vídeos engraçados, mas sim, argumentos visuais, que podem estar numa relação com informações falsas, imagens falsas e manipuladas (sendo divulgadas como verdadeiras) e discursos de ódio (nosso foco nesta pesquisa) de forma implícita ou explícita.

Metodologia

A análise do corpus neste trabalho se dá em três memes em formato de imagens que são recortes de publicações do Twitter e do Instagram publicadas no Twitter e que foram encontradas entre maio e julho de 2022. E se busca observar até onde as relações interdiscursivas se estendem.

90 No original: A meme is an imitable text that Internet users appropriate, adjust and share in the digital sphere. The initial text may be a hashtag, an expressive image with a tag line, a catchy tweet, an interesting comment, a YouTube video – any digital unit of expression, as long as it conveys certain meaning or emotion and encourages others to either add something to the content or shape, makes a meme prototype.

Antes do desenvolvimento da articulação da análise é preciso pensar em que contextos esses memes se inserem, isto é, contextos de densa polarização política que permeiam o Brasil desde o ano de 2018 (anterior e posterior às eleições presidenciais) até o ano vigente, e que se acentuaram devido aos discursos conservadores da extrema direita que ocupam cargos políticos, e que recuperam os ideais sobre quem é o cidadão de bem, quem são os “inimigos” do Brasil, e também que as críticas aos discursos de ódio invocados são exageradas e desnecessárias. Para um melhor vislumbre da situação, na metade do ano de 2022, sobre um contexto de pandemia global e dos posicionamentos do presidente da república, a BBC News Brasil trouxe uma notícia intitulada, “‘Eu era 100% Bolsonaro, depois do vídeo sou 500%’: a reação de grupos bolsonaristas no WhatsApp à reunião ministerial”.⁹¹ A partir dessa notícia é possível perceber que posicionamentos e falas tanto do presidente quanto de seus aliados, e das instituições que os representam, por mais que possam chocar parte da população brasileira, são celebradas e reproduzidas por seus seguidores mais radicais, inclusive por meio da replicação de memes que incitam o ódio e a violência, dentro das próprias redes conservadoras.

Os memes que serão analisados foram selecionados do perfil no Twitter chamado *Brazilian Boomer Images* e também por prints nossos (capturas de tela). O perfil capta imagens, comentários, notícias e memes de redes Conservadoras, e de espectro político de direita, para que usuários que não fazem parte desses grupos possam ver o que acontece dentro desses ambientes.

Para a análise foi preciso pensar em etapas para construir os possíveis efeitos de sentido que um meme pode causar. A princípio, o primeiro passo é descrever como é a estrutura tanto visual quanto textual do meme, e em que contexto específico ele se insere,

91 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52801587>.

ou seja, como está ligado ao sócio-histórico. Em seguida, observaremos como o meme faz emergir uma cena que traz traços humorísticos punitivos a partir de um objeto do riso que já está num imaginário social de desprestígio, como Bergson (2020) pontua, nos preconceitos da sociedade. E por fim, verificar de que forma o discurso do ódio se insere nisso e como ele pode causar estados da violência, mas também como pode estar próximo de causar atos violentos.

Análise dos memes selecionados

Discurso 1 – “Meus impostos sendo bem aplicados.”



Print do autor, Twitter 2022 (imagem removida da página).

O meme republicado na página *Brazilian Boomer Images*, traz uma imagem de um policial atirando numa pessoa na frente de

uma banca de jornal enquanto outras pessoas assistem a cena. A imagem tem uma legenda que se escreve “meus impostos sendo bem aplicados.” e abaixo está o nome do perfil ao lado do ícone do Instagram, que repostou a imagem com essa legenda, chamado de “Hétero_Orgulhoso”.⁹²

Para entender esse meme é primeiro necessário recuperar o contexto original da imagem. Essa foto foi originalmente capturada pelo Folhapress e publicada pelo jornal Folha de S.Paulo, em 16 de janeiro de 2019, com a notícia intitulada: “Ato contra aumento da tarifa de transporte tem violência na av. Paulista”.⁹³ A imagem capturada é muito expressiva e performativa, pois ela consegue significar e encenar facilmente, isto é, de acordo com Butler (2021), a declaração sobre o meme performatiza a cena que está na imagem, a declaração é o ato da fala, nesse caso no próprio comentário “os impostos estão sendo bem aplicados”, e ao mesmo tempo que se fala do ato, que “os impostos são só bem aplicados”, colocam o policial para gerar esse ato violento sobre o manifestante, de forma que colabora sobre uma cena que fundamenta a violência policial, e que pode ser facilmente descontextualizada, como foi feita no meme. Esse processo que passa despercebido durante os compartilhamentos cria um embate entre policial e manifestante, que pode ser potencializado quando houver quaisquer embates descartando contextos ou situações, permitindo que o discurso de ódio impeça um olhar para além da superfície do que acontece na realidade.

O riso nesse meme, é um riso explicitamente sádico que traz

92 Houve a procura da postagem no perfil original na rede social Instagram, porém o perfil está desativado por denúncias pela infração das diretrizes da comunidade.

93 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/ato-contra-aumento-da-tarifa-de-transporte-tem-violencia-na-av-paulista.shtml>.

uma noção de identidade, pois pensado no lugar do policial, é um lugar de vantagem que subjuga o outro, todavia, do lado do manifestante, de alguém que está sendo oprimido. E, por esse aspecto, é possível retomar a fala de Propp (1992) pois a risada aparece nesse meme sobre um ato não empático, e que recupera a imagem que o manifestante é alguém “vagabundo”, ou desocupado e egoísta que não pensa que atrapalha o outro, e que, portanto, merece ser punido, mas não apenas com o riso, mas com a violência, constituindo um discurso da violência. Enquanto o policial é alguém visto como protetor e corretor de conduta de quem sai da “normalidade”.

Discurso 2 – “Isso é Racista”.



Print do autor, Twitter 2022.

Nesse segundo meme a estrutura é estilizada no formato de uma mesma conversa que muda de acordo com os anos que passam. Há uso de alguns personagens ilustrados, que podem ser encontrados na internet convencionalmente pelos nomes de “wojok” e “chad”, e que são usados recorrentemente em perfis que usam e replicam memes de várias formas para indicar intenções, estados emocionais e representar opiniões e pessoas. No diálogo que ocorre dentro do meme, há uma representação de uma discussão que vai se modificando e colocando um sujeito que é contra o racismo como alguém frustrado, histérico, e irracional, e que não cuida da aparência, enquanto o outro vai se tornando abertamente racista, e é representado de forma racional, calma e confiante. Esse tipo de meme instiga e retoma a discussão sobre a segurança do anonimato na internet, e o que é o discurso de ódio e a liberdade de expressão, principalmente na internet, e como esses tipos de violência on-line saem do controle, como pontua a notícia junto de um levantamento de dados da BBC News Brasil: “Discurso de ódio na internet aumentou durante a pandemia, aponta pesquisa”.⁹⁴ Essa notícia da BBC News Brasil mostra que nos anos da pandemia, acontecimentos que geram rupturas fortes entre grupos sociais são os que têm mais menção ao discurso de ódio junto da “argumentação”.

A maneira em que são representados os personagens junto das frases, ressubordina e ridiculariza aquele que é alvo de um discurso de ódio como incapaz de tomar alguma ação em relação ao mesmo. É um processo, como coloca Butler (2021), de se observar a iterabilidade desse enunciado, que se repete em umas situações diferentes, e que se apresenta supostamente, como se os discursos de ódio fossem os mesmos, mas com o passar do tempo, se tornarem cada vez mais coerentes, pelo menos na internet. A postura do personagem à direita do quadrinho na primeira conversa é re-

94 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59300051>.

conhecimento, na segunda de discordância, na terceira de indiferença, e na quarta de afirmação. Essa organização representa uma cena que o alvo da risada suscitada nesse meme, o personagem do lado esquerdo, é um sujeito que precisa ser punido como alguém mal-humorado, chato, e que leva tudo a sério, e também significa que não há qualquer problema em proferir discursos de ódio de cunho racista, que podem estar próximos a realizar outros estados ou atos violentos com a sensação de impunidade.

Discurso 3 – “Humor do Chinês”.



Fonte: <https://twitter.com/brazilianboomer/status/1322237583536103424>, Twitter, 2022.

Nessa terceira imagem, o primeiro passo é recuperar o contexto de veiculação desse meme: no começo de abril de 2020 o então ex-ministro da educação Abraham Weintraub levantou questionamentos sobre a natureza do coronavírus e da influência da China sobre a pandemia global junto de teorias consideradas conspiracionistas como afirma a BBC News Brasil na reportagem intitulada “Coronavírus: críticas de ministro à China podem prejudicar envio de máscaras e testes ao Brasil, dizem analistas”.⁹⁵ O próprio meme retoma os ideais do ministro, pois foi criado pelos sujeitos que interagem e concordam com seu posicionamento.

Sobre a estrutura do meme, é possível perceber que ele é formado por uma junção de imagem com texto. Essas imagens são desenhos de uma versão estereotipada da aparência do chinês que recupera um imaginário rodeado de preconceitos que estão relacionados a um desprestígio social enraizados socialmente, e esse mesmo desprestígio se encontra também na imagem do manifestante da Figura 1, mas que ao contrário do chinês precisa ser re-preendido pela violência física. Os textos que se ligam às imagens são frases prontas, estruturadas como um monólogo que seguem as narrativas de como o governo federal estabeleceu relações com a China durante a pandemia do coronavírus nos anos de 2020 a 2022, expostas como fatos.

A partir da compreensão da formação desse meme, podemos fazer um movimento para verificarmos como o ódio e o humor estão presentes entre as nuances dos textos e das imagens, e que se estruturam num discurso que faz emergir uma cena cercada de estados da violência (CANO, 2012), que materializam na forma da sinofobia (sentimento antichinês e contra a cultura chinesa) carregando sentidos que podem causar um efeito na sociedade, conhecidos também como atos performativos, isto é, quando a pa-

95 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52193435>.

lavra é ação. (BUTLER, 2021). Começando pelo título “Humor do Chinês”, a estratégia discursiva observada é a ironia, que se estrutura no humor para dizer de forma indireta, como afirma Possenti (2003b). Dessa forma, o meme se apresenta na voz de um chinês que reconhece os efeitos do coronavírus no mundo, pois engloba o desenrolar da pandemia em nível global, desde a venda máscaras até a compra de vacina, os impactos na economia nos Estados Unidos e no Brasil, e também sobre o contexto de onde começou a disseminação do vírus, e por isso está se aproveitando da situação. Essa relação de texto, imagem e contexto, coloca o chinês e a China como inimigos do mundo, como se tivessem desde o começo tramando um plano para desestabilizar todos as nações e saírem como os únicos beneficiários.

É pelo imaginário coletivo que o riso é suscitado, a elaboração do meme atualiza o estereótipo de quem é o chinês pois as imagens recuperam uma aparência que aumenta traços fenótipos e culturais sobre uma ótica ocidental, há a exploração da diferença da pronúncia dos fonemas (“R” pelo “L”) que são formas desprestigiadas e erradas perante a gramática tradicional e normativa do português brasileiro, e há um novo contexto que colabora com a visão social do chinês como alguém mal-educado, aproveitador, e mesquinho. Trazem consigo um enrijecimento que de acordo com Bergson (2020) podemos pensar que insere o chinês numa realidade que ele está tão rígido, que ele tem que existir de outra forma, que ele precisa ser punido e corrigido.

Essa punição se estrutura num discurso que os responsabiliza e os pune pelo mal causado a inúmeras pessoas, e acaba condensando injúrias históricas em novas injúrias, num contexto atualizado, que negam sua cultura e vivências no Brasil e em outros países. É um processo de ódio, que se materializa como sinofobia, pois como afirma Butler (2021), o que sustenta o discurso de ódio é a

subordinação por ofensas que interpelam o sujeito para colocá-lo no suposto lugar dele e ressubordiná-lo com o objetivo de só oferecer uma possível existência na sociedade. Esse gesto gera e aumenta a antipatia e a desconfiança, gerando um estado da violência e um ato performativo sobre vários dizeres que significam que “o lugar do chinês é na China”. Esses estados da violência se materializam sobre uma grande perda de contexto pois as atitudes xenofóbicas não afetam apenas chineses, mas todos os povos amarelos do Brasil, pois são vistos de forma igual, como mostra a reportagem da Folha de S.Paulo: “Uma pandemia de sinofobia”,⁹⁶ sobre casos de xenofobia nos Estados Unidos que afetaram não apenas chineses, mas japoneses e coreanos também.

Considerações finais

O percurso traçado até aqui procurou além de analisar como as estratégias semântico-discursivas se constituem entre o discurso do cômico e o do ódio nos memes, pensar e refletir sobre como rimos de memes que atravessam nossa vida diariamente na internet. A emergência do meme como gênero discursivo tem se consolidado de forma mais latente para reproduzir diversos posicionamentos, junto do discurso do humor, que aparece frequentemente de forma indireta.

No trajeto deste trabalho, foi mostrado que nenhum discurso existe por si só – o interdiscurso que circunda o humor e o ódio podem estar bem próximos, pois a risada existe na contradição do um com o outro, na punição para diminuir outro. E o ódio está profundamente ligado ao sócio-histórico, e sua manifestação no

96 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/03/uma-pandemia-de-sinofobia.shtml>.

discurso humorístico se sobressai para estabelecer relações de dominâncias entre os sujeitos. Nesse sentido, pensar na forma que os memes circulam na internet não só indica, relata ou significa algo, mas também pode causar uma cena, que refaz circunstâncias que atualizam formas de diminuir e ferir o outro, e sobre como a violência nos constitui sem que percebamos. É por isso que se faz necessária uma reflexão ou introspecção sobre como somos protagonistas do que fazemos on-line, e como nossas atividades com os memes podem refletir, desde posicionamentos incoerentes que temos até a passividade em estados de violência mais degradantes.

Sobre essa ótica de interações na internet, pensamos que o meme pode carregar muitos sentidos, que se não forem esmiuçados podem colaborar com um discurso maior que tende a ressubordinar grupos sociais que já estão amplamente marginalizados. Por fim, cabe a todos os usuários buscarem quais são os outros discursos que acompanham o humor para ponderarmos sobre o que é feito na internet, e como usamos esses memes. Além disso o desenvolvimento de uma percepção mais afiada sobre esses memes se faz essencial como resistência ao que eles podem representar.

Referências

- ANTONIONI, Ádamo. *Odeio, logo, compartilho*: O discurso de ódio nas redes sociais e na política. Maringá: Viseu, 2019.
- BAGGS, Michael. Discurso de ódio na internet aumentou durante a pandemia, aponta pesquisa. *BBC News Brasil*. 16 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59300051>. Acesso em julho de 2022.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- BERGSON, Henri. *O riso*: ensaio sobre o significado do cômico. São Pau-

- lo: Edipro, 2020.
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: Uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- CANO, Márcio Rogério de Oliveira. *A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico*. 2012. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- DENISOVA, Anastasia. *Internet memes and society: social, cultural, and political contexts*. London: Routledge, 2019.
- FELLET, João. Coronavírus: críticas de ministro à China podem prejudicar envio de máscaras e testes ao Brasil, dizem analistas. *BBC News Brasil*. São Paulo. 6 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52193435>. Acesso em julho de 2022.
- GRAGNANI, Juliana. 'Eu era 100% Bolsonaro, depois do vídeo sou 500%': a reação de grupos bolsonaristas no WhatsApp à reunião ministerial. *BBC News Brasil*. Londres. 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52801587>. Acesso em julho de 2022.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. In: *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MANDELLI, Mariana. Uma pandemia da sinofobia. *Folha de S.Paulo*. São Paulo. 25 de março de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/03/uma-pandemia-de-sinofobia.shtml>. Acesso em julho de 2022.
- POSSENTI, Sírio. *Limites do humor*. São Paulo: Revista de Letras, n. 26, p. 103-110, 2003a.
- POSSENTI, Sírio. *Observações sobre interdiscurso*. São Paulo: Revista letras, v. 61, 2003b.
- PROPP, Vladimir Iakovlevich. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.